



A Santa Sé

MISSA PARA OS UNIVERSITÁRIOS EM PREPARAÇÃO À PÁSCOA

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Quinta-feira, 20 de Março de 1980

«Quaerite Dominum dum inveniri potest. Invocate Eum, dum prope est».

Buscai o Senhor, enquanto se pode encontrar; invocai-O, enquanto está perto (Is. 55, 6).

Se hoje me reúno de novo, na Basílica de São Pedro, com professores e estudantes da Universidade e das outras escolas superiores de Roma, é certamente a Quaresma que nos traz aqui. O período de 40 dias de preparação da Páscoa foi estabelecido antigamente pela Igreja, para nele aceitarmos o convite a procurar o Senhor: «Quaerite Dominum»! Não podemos deixar nunca de O procurar: existem todavia períodos que requerem que isto se faça mais intensamente, porque neles o Senhor está especialmente perto, e é portanto mais fácil encontrá-1'O e encontrarmo-nos com Ele. Esta proximidade constitui a resposta do Senhor à invocação da Igreja, que se exprime continuamente através da liturgia. Mais ainda, é precisamente a liturgia que traz a vizinhança do senhor.

Daqui a invocação: buscai, *quaerite*.

A Quaresma, como período de 40 dias em preparação da Páscoa, tem na Igreja a sua história concreta, através da qual se inscreve na história dos corações e das consciências humanas. Como sabeis, a origem da Quaresma parece remontar ao século IV; mas já nos séculos II e III — antes de se chegar ao período fixo de 40 dias — se preparavam os fiéis para a Páscoa com especiais jejuns e orações (Cfr. Teruliano. *Traditio Apostolica* de Hipólito e Santo Ireneu). Neste período, os penitentes públicos preparavam-se para a reconciliação, e os catecúmenos para o Baptismo.

A quaresma é período de penitência, de conversão, de mudança do coração (metanóia), que se inspira em diversos motivos, mas sobretudo nasce da meditação da *Paixão e da Morte de Jesus Cristo*. Exactamente desta meditação nasce aquele voltar os olhos para o Senhor, aquela «expectativa do Deus da salvação», de que fala hoje o profeta Miqueias; *Eu esperarei no Senhor. - Porei a minha esperança no Deus da minha salvação; - O meu Deus me ouvirá* (Mic 7, 7).

Bom é portanto que neste período nos *reunamos* nós aqui, e bom é também que em Roma, precisamente nos nossos ambientes universitários e académicos, não tenham faltado iniciativas favoráveis ao recolhimento, à oração e ao aprofundamento quaresmal. Talvez estas iniciativas não tenham carácter de «massa», como outrora, e como ainda hoje nalgumas localidades. É necessário, por outro lado, atender sempre aos factores que favorecem ou tornam difíceis tais iniciativas e determinam a sua extensão «social». As vezes bastará continuá-las nas condições uma vez já criadas, outras vezes é preciso *começar por criá-las*. Procurá-las de maneira mais adaptada às circunstâncias. Apesar disso, a Igreja nunca pode deixar de favorecer tais iniciativas. A presença do Senhor neste período do ano litúrgico é tão profunda, tão eloquente e tão poderosa que não podemos deixar de empenhar-nos por andar ao encontro dEle.

2. Talvez na Quaresma sejam poucos os dias em que a liturgia põe em realce, tão claramente como hoje, a verdade que diz ser o encontro com Cristo encontro com a luz que ilumina, de maneira radical e salvífica, os caminhos da vida humana: radical, porque desce aos fundamentos do ser; salvífica, porque mostra a perspectiva plena do bem.

O senhor é a minha luz e a minha salvação, a quem temerei? O Senhor é o baluarte da minha vida, de quem terei medo (Sl 27, 1).

Tudo isto encontra confirmação no acontecimento que o apóstolo-evangelista João nos conservou de modo excepcionalmente preciso e particularizado: *Jesus cura um cego de nascença* (Cf. Jo 9, 1- 41).

Primeiramente, dá Jesus resposta à pergunta dos discípulos sobre a origem da cegueira daquele infeliz: resposta que diz muito. Em seguida, Jesus faz lodo com a saliva, unta com ele os olhos do cego e manda que se vá lavar à piscina de Siloé: Cumprida a ordem, o cego recebe a vista.

Examinemos bem as circunstâncias desta dávida. O homem, cego de nascença, nunca viu nada nem ninguém. No momento em que adquiriu a vista, manifestaram-se-lhe, pela primeira vez, como novidade absoluta, as coisas todas que nós vemos cada dia. Até agora orientava-se com o auxílio do tacto, talvez com ajuda da bengala branca, como os cegos nos nossos tempos, ou talvez fosse ajudado por algum cão-guia. Tais ajudas, todavia, permitiam-lhe unicamente mover-se com dificuldade, arrastando a vida no apertado círculo dos objectos. *Que sentiu ao adquirir a vista? Como iria viver agora? Como devia interpretar ver-se agora liberto? Liberto, porque via!*

E por fim: que sentimentos alimentava perante Aquele que, nesse dia memorável, estendeu lodo sobre as suas pálpebras e lhe mandou que fosse lavar-se à piscina de Siloé? Que havia de pensar d'Ele?

Aconteceu depois que ainda por alguns dias, Cristo continuou a ser para ele um desconhecido. Não o vira quando Ele lhe untou os olhos com o lodo; só o ouvia dizer: «vai, lava-te na piscina de Siloé». Depois quando do seu encontro com Jesus, realizado só após algum tempo, travou-se esta conversa: «Tu crês no Filho do Homem?...»; «Quem é Ele, Senhor, para que n'Ele creia?»...; «Tu já O viste; é Ele que fala contigo». Respondeu: «Creio Senhor».

O dom da vista atingia não só o sentido do corpo, mas penetrou até ao íntimo da alma.

3. Esta passagem do Evangelho tem a sua particular motivação histórica na 4ª semana da Quaresma. Nos primeiros séculos o período de 40 dias foi, na Igreja, o tempo de preparação especial intensiva para o Baptismo. Foi o *tempo* dedicado de modo especial ao catecumenato. Realizava-se deste modo, durante ele, o processo de *conversão* que é necessário considerar como o *primeiro* e mais fundamental: a conversão a Deus que nos dá a nova vida em Cristo. Devemos, de facto, ser mergulhados na sua Morte para nos tornarmos depois, no sacramento do Baptismo, a nova criatura — participando, à custa desta Morte, na Sua Ressurreição. Para nos tornarmos o *sujeito vivo do Mistério* em que Deus renova, em cada um de nós, o homem velho criando-o de novo por meio da graça, à imagem do Seu Filho Unigénito.

Aqueles que se preparavam deste modo para o Baptismo que se recebia na noite da Ressurreição, tinham o nome de catacúmenos. Rodeava-os especial solicitude por parte de toda a comunidade da Igreja, porque devia cada um deles tornar-se, na Noite Pascal já próxima, o sujeito do maior Mistério. E que devia repetir-se neles, de modo sacramental, a Ressurreição do Senhor. Cada um devia tornar-se o sujeito da Páscoa, isto é, da Passagem da morte à Vida.

Para chegar ao caminho que leva àquela Passagem — à Páscoa — para perseverar nela até ao fim, cada um dos catecúmenos *devia encontrar-se com a Luz do Senhor*. O senhor devia abrir-lhe os olhos, assim como abria os olhos daquele homem cego de nascença, de que fala a liturgia de hoje, cego sem culpa dos pais. Cego, *para se manifestarem nele as obras de Deus (Jo 9, 3), as grandes obras de Deus — magnalia Dei (Act 2, 11)*.

Com esta finalidade, o catecúmeno passava pelos diversos graus de ensino. Tomava conhecimento dos artigos da fé. Devia conhecê-los na sua expressão humana. Mas não bastava só o conhecimento. Devia receber a luz interior que provém do próprio Cristo. Esta luz faz que o homem *veja tudo* — ao mundo e a si mesmo — de maneira radicalmente nova. Veja de modo completamente novo: desde a base, desde o princípio. Torne-se o sujeito de uma Nova Consciência, porque participa do conhecimento com que o próprio Deus conhece, o qual nos comunicou no seu filho. O Homem torna-se portanto o sujeito do Novo Conhecimento, para poder

tornar-se, de modo plenamente consciente, o sujeito da Nova Vida.

4. A liturgia de hoje relaciona-se portanto, de modo especial, com a liturgia da Noite Pascal. Os catecúmenos — os que, por obra de Cristo, se tornaram participantes do Novo Conhecimento, os que adquiriram (como o cego de nascença) a vista — caminhavam no decurso desta liturgia com o seu canto: *com o canto dos homens, a quem se revelou Deus*, e juntamente com Deus, revelaram-se também, de modo novo, *o mundo e o homem*.

O Senhor é minha luz e salvação: — a quem hei-de temer? — O Senhor é protector da minha vida: de quem hei-de temer?... — Ouvi, Senhor, a voz da minha súplica, — tende compaixão de mim e atendei-me.

Diz-me o coração: — «Procurai a sua face». — A vossa face, Senhor, eu procuro: não escondais de mim o vosso rosto, — nem afasteis com ira o vosso servo. — Sois o meu refúgio. — Não me rejeiteis nem me abandoneis, — ó Deus, meu Salvador... — Espero vir a contemplar a bondade do senhor na terra dos vivos. Confia no Senhor, sê forte. — Tem coragem e confia no Senhor (Sl 26 27, 1. 7-9, 13-14).

Os catecúmenos, na perspectiva do Baptismo já próximo, exprimem a alegria da vista espiritual que receberam, da qual se tornaram participantes. Encontraram-se no caminho que leva a visão de Deus *face a face* (1Cor 13-12). A busca do «rosto de Deus» tornou-se o caminho do homem consciente da sua plenitude definitiva. E este o caminho da fé.

5. Também nós estamos no caminho. Já não é o caminho dos catecúmenos. E o caminho da fé. Portanto esta experiência, em que nos deseja introduzir a liturgia de hoje, nós já a completámos em certo modo. Mas pode também acontecer que não a conheçamos verdadeiramente.

Recebendo o *Baptismo no período infantil*, chegamos à fé mediante a comunidade da nossa família, que deseja patentear-nos as riquezas da Igreja o mais depressa possível, assumindo nós os deveres todos que disso derivam.

A igreja estabeleceu, há muito tempo, entrar por este caminho, tomando em consideração tanto a circunstância de não se poder retardar o momento da graça na vida dalguma criatura, quanto a de que, por meio do baptismo das crianças, é preciso ajudar a construção da família, entendida como a «igreja doméstica», ajudá-la conferindo a esta sobretudo as possibilidades do «segundo catecumenato», por assim dizer. E deste modo, em lugar da «*educação primária pára a fé*» formou-se e chegou à maturidade uma rica experiência de educação «*na fé*». Enquanto, no primeiro caso, a graça do Baptismo constituía o ponto de chegada, no segundo é a base: é o ponto de partida de tudo aquilo que nos faz cristãos e nos leva a comportarmo-nos como tais.

E é também o ponto de partida deste nosso encontro quaresmal de hoje.

6. Bom é que na moldura deste encontro possamos considerar o *problema do catecumenato*. Pois o catecumenato deve sempre constituir, de um modo ou de outro, o fundamento do nosso ser de cristãos e do nosso comportamento como tais; e porque ele constitui para nós precisamente a base e o ponto de partida.

E, portanto, bom que, na liturgia de hoje, *nos encontremos com um catecúmeno* — isto é com o homem para quem se tornou Cristo a luz, com o homem que recebeu a vista da fé, que se encontrou no caminho do Novo Conhecimento.

Olhemos com atenção para o *comportamento* deste homem. Logo depois de receber a vista, torna-se objecto de interrogações e investigações. Primeiro, são-lhe feitas perguntas pelos conhecidos e vizinhos. Estes, em seguida, levam-no aos escribas e fariseus. Aqui muda o carácter das perguntas. Estes não se limitam ao pasmo diante do facto de um cego de nascença ter adquirido a vista. Nem ainda se limitam a aceitar — como os vizinhos e os conhecidos tudo o que ele declara, quer dizer, ter recebido a vista graças ao homem que se chama Jesus. Mais, *procuram enfraquecer nele a certeza* e levá-lo a negar precisamente esta verdade. Mas não podendo negar o facto, que é evidente — era incontestável que o cego de nascença agora via — procuram negar as circunstâncias e o significado do acontecimento. *As circunstâncias*: «Este homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado»... «Sabemos que esse homem é pecador». E o significado do facto, o que, precisamente para eles, é o mais importante: «Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?». E ele respondeu: «Que é profeta». A resposta perturba-os. Poderia ser perigosa caso se difundisse entre o povo (é preciso que Jesus de Nazaré seja considerado como pecador que transgride a lei do sábado). Os fariseus procuram influir nele por meio dos pais. Em vão. Todos os esforços destinados a desacreditar o Taumaturgo aos olhos do curado, acabam por gorar-se. Apertado por tais perguntas, ele mantém grande prontidão de espírito. Faz um raciocínio lógico e incontestável, e termina com as palavras: «*Se Ele não fosse de Deus, nada poderia fazer*». Os fariseus só podem mostrar desprezo e raiva: «Tu nasceste inteiramente em pecado e ensinas-nos a nós?». («E expulsaram-no».

Assim termina o primeiro exame prático sobre a fé do catecúmeno.

7. Examinemos este problema com exactidão. No caminho da fé em Cristo, nós seremos repetidamente chamados a um exame de fé. Talvez pensemos injustamente que, se o nosso exame se passasse do mesmo modo que o do cego de nascença, também nós teríamos sem dúvida bom resultado como ele.

Ora, o nosso exame de fé em Cristo não é esse. Não é nunca como o do cego. *Cada exame de fé é diverso dos outros*.

Qual é?

Qual é este exame de fé exame de conhecimento de Jesus Cristo, exame acerca das nossas convicções cristãs — que deve fazer cada um de vós, homens de agora, representantes do ambiente universitário em Roma, na Cidade que há 2.000 anos se tornou a capital do Cristianismo e, ao mesmo tempo, a capital da cultura europeia?

Qual é este exame?

Não procurarei responder a esta pergunta. Seria esforço vão. Deve haver tantas respostas quantos sois vós, presentes nesta Basílica.

Proponho contudo a pergunta. E peço-vos que procureis dar-lhe resposta. Precisamente nesta Quaresma. Seja esta o testemunho daquele «segundo catecumenato», para o qual sempre apela em certo modo a Quaresma no que respeita a cada um de nós baptizados; a cada um nós, cristãos adultos.

Nem por um momento penseis que pode cada um de nós escapar a ser interrogado, na sua vida, *sobre Cristo*.

Não penseis que os nossos tempos não exigem, relativamente a cada um de nós, aquele exame sobre conhecermos ou não a Cristo e sobre pertencermos a Cristo na Sua Igreja.

Os nossos tempos impõem-no, e quão profundamente!

Impõem-no com diversos métodos, formulados num diverso catálogo de perguntas. As vezes estas parecem muito desconexas. O que é certo é que somos interrogados, e que ao exame não se foge. E exame *muito profundo*. Muito radical.

8. Assim a Quaresma é o tempo de um especial encontro com Cristo, que não pára de falar de Si mesmo.

Eu sou a luz do mundo, quem Me segue... terá a luz da vida (Jo 8, 12).

Assim era há muito tempo — nos tempos do primitivo catecumenato. E assim é hoje — nos tempos do «segundo catecumenato».

A Quaresma constitui aquele tempo feliz em que pode cada um de nós, de modo especial, passar *através da zona de luz*. Luz potente, luz intensa, provém do Cenáculo, do Getsémani, do Calvário e enfim do Domingo da Ressurreição.

É necessário atravessar esta zona de luz de maneira que encontre cada um a *Vida em si*.

Está em mim a luz? Está em mim a Vida? A vida que enxertou em mim Cristo?

Cristo, juntamente com a luz da fé, enxertou em cada um de nós a vida da Graça.

Está em mim a vida da Graça?

Ou não terá acaso dominado em mim o pecado?

Na luz pascal, na luz da Paixão e da Cruz, o pecado desenha-se mais claramente. Na luz pascal, na luz da Ressurreição, abre-se mais claramente o caminho para vencer o pecado e chegar à expiação, ao arrependimento, à remissão. *Quem Me segue, terá a luz da vida (Jo 8, 12).*

Cada um de Vós, caros Amigos, passe esta Quaresma de maneira que o penetre a luz da vida.

O homem renasce para a vida em Cristo pela primeira vez, no Sacramento do Baptismo.

O homem, com o Baptismo, renasce para a vida em Cristo, para a graça que tinha perdido por causa do pecado.

E todas as vezes renasce por meio do Sacramento da Penitência.

Renascei para a vida em Cristo. Amen.

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana